

Bissau em tradução: percalços e desafios de uma pesquisa em andamento

André Luiz Ramalho Aguiar *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0001-6629-3385>

Resumo. O presente artigo é um recorte de treze meses de uma pesquisa desenvolvida em Bissau, capital da Guiné-Bissau, localizada na África Ocidental, sobre zona de tradução (SIMON, 2013) e espaço de tradução (CRONIN; SIMON 2014) em contextos transnacionais. A partir da busca pela compreensão dos efeitos causados pelas práticas de tradução em contextos multilíngues, multiculturais, multiétnicos e multirreligiosos, este texto apresenta os espaços de tradução de Bissau sob a ótica da história da tradução cultural com viés decolonial. A abordagem teórica em relação à tradução cultural é desenvolvida nas perspectivas de Simon (2008) e Pym (2017), destacando o embasamento conceitual da tradução cultural de Bhabha (2014). No que concerne à metodologia, a pesquisa concilia diferentes procedimentos de geração e coleta de dados alinhados à história oral, tomando como recorte espaço-temporal o espaço de tradução e o lugar de memória da “Praça dos Heróis Nacionais”, situada região central da capital, no período compreendido de fevereiro de 2021 a março de 2022. Sobre a metodologia em história oral, dialoguei com as perspectivas de Meihy (2011), Freitas (2006), Meihy e Ribeiro (2011) e Seawright (2017) a fim de tecer recursos necessários para definir os tipos de entrevistas e as etapas das entrevistas a serem cumpridas. Com o trabalho de campo, apresento alguns recortes de entrevistas fornecidas pelos nossos colaboradores de pesquisa, objetivando descrever o quão o conceito de tradução cultural só faz sentido quando as diferenças culturais e os múltiplos processos de negociações são discutidos. Concluindo, apresento os principais percalços e desafios encontrados durante a implementação da pesquisa em Bissau, capital transcultural do Ocidente da África.

Palavras-chave: Cidade em tradução; Tradução cultural; Espaço de tradução; Multilinguismo; Sherry Simon.

Bissau in translation: Mishaps and challenges of an ongoing research

Abstract The present article is a thirteen-month extract of a research developed in Bissau, capital of Guinea-Bissau, located in West Africa, about translation zone (SIMON, 2013) and translation space (CRONIN; SIMON 2014) in transnational contexts. Based on the search for understanding the effects caused by translation practices in multilingual, multicultural, multiethnic and multireligious contexts, this text presents the translation spaces of Bissau from the perspective of the history of cultural translation with a decolonial bias. The theoretical approach to cultural translation is developed from the perspectives of Simon (2008) and Pym (2017), highlighting the conceptual basis of cultural translation by Bhabha (2014). Regarding the methodology, the research conciliates different procedures of data generation and collection aligned with oral history, taking as a space-time cutout the space of translation and the place of memory of the "National Heroes' Square", located in the central region of the capital, in the period from February 2021 to March 2022. About the methodology in oral history, I dialogued with the perspectives of Meihy (2011), Freitas (2006), Meihy and Ribeiro (2011) and Seawright (2017) in order to weave resources necessary to define the types of interviews and the stages of the interviews to be fulfilled. With the

* Professor Adjunto 1 de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua (PLE-PL2), do Departamento de Estudos Brasileiros na Hankuk University of Foreign Studies e pesquisador nas áreas de Linguística Aplicada, Políticas Linguísticas e História da Tradução, com ênfase em formação de formadores, estudos interculturais, oralidades e fronteiras. Licenciado em Língua Portuguesa Não-Materna pela Universidade de Nantes, possui mestrado em Letras, com ênfase em Estudos Portugueses, Brasileiros e da África Lusófona pela Universidade de Paris III/Sorbonne-Nouvelle e doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Desde 2022, participa do Observatório de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua (ObsPLE-PL2), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: aramalho2011@gmail.com

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento fieldwork, I present some interview clippings provided by our research collaborators, aiming to describe how the concept of cultural translation only makes sense when cultural differences and multiple processes of negotiations are discussed. In conclusion, I present the main mishaps and challenges encountered during the implementation of the research in Bissau, the cross-cultural capital of West Africa.

Keywords: City in Translation; Cultural Translation; Translation Space; Multilingualism; Sherry Simon.

Fassi traduson na Bissau: canseras e dificuldades na fassi es tarbadju

Rusumo: Es tarbadju i parte de pesquisa ku fassidu durante 13 mes na Bissau, praça/centro de Guiné-Bissau. Tarbadju na fala de Zona traduson (SIMON, 2013) i espaço de traduson (CRONIN; SIMON 2014) na manga de manera. Pa pudi ntindi ke ku ta aconteci ora ku na fassi traduson na um kau nde ki ten manga de línguas, culturas i religion. Li no na tissi espaço de traduson de Bissau, na sentidu de historia de traduson ki na fassidu na bas de no culturas. Pa kila, no na bim segui kil ku Simon (2008) e Pym (2017), ku Bhabha (2014), falanu. Pa fassi es tarbadju, no ianda manga de caminho pa no pudi iangassa informason ku no misti, sobre historia ki ta kontado de boka pa boka, ki ka iscribido i no tene suma parte ou kau nde ku es tarabadju sta na fassidu (de espaço-temporal o espaço de tradução e o lugar de memória) e na “Praça dos Heróis Nacionais”, na espasu de tempu de fevereiro de 2021 pa março de 2022. Pa no pudi sibi ke ku história oral, no papia e no segui memu caminhos ku Meihy (2011), Freitas (2006), Meihy e Ribeiro (2011) e Seawright (2017), des manera no na sibi kal tipo de entrevista ku dibidi fassidu e kuma ki dibidi fassidu. Na tissi un parte de kil ku papiadu pa djintis ku na entrevista, a partir de fala de es djintis no na ntindi como ku conceito de traduson ta fassi sentidu ora ten ntindimento ora ku diferentis culturas djunta. Pa kabanta, na mostra bos kal ki cansera ki tem kontra es tarbadju na fassidu na Guiné-Bissau, na praça nde ki tem manga de culturas.

Palabra chabi: Cidadã na tradison; tradison di cultura; lugar troca; manga di lincua; Sherry Simon

1. Palavras iniciais

Localizada na costa oeste da Guiné-Bissau, Bissau está às margens do Rio Geba, próximo do Oceano Atlântico. Denominada de Setor Autônomo de Bissau (SAB), é a capital e maior cidade do país, constituída de uma população que mescla migrantes nacionais e internacionais oriundos de diversas etnias e nacionalidades, conforme descreve os dados do Instituto de Pesquisa e Estatística (INE, 2009). Dito isso, pode-se afirmar que Bissau apresenta uma paisagem urbana decorrente dos movimentos migratórios das últimas décadas. A conjunções de povos, línguas faladas e culturas transnacionais conduziram a uma comunhão de vozes, saberes e representações simbólicas, fato compreendido por Sherry Simon (2012, p. 126) como o “espírito urbano” em contexto multilíngue.

Visto deste prisma, Bissau é uma cidade multilíngue. O multilinguismo é observado na circulação das línguas através das conversas cotidianas de seus moradores, das publicidades estampadas nas paredes, das instituições não governamentais presentes, dos nomes de praças, ruas e comércios, das arquiteturas de suas igrejas e da

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento mestiçagem de sua gente. Entretanto, Bissau “não é apenas multilíngue: é transnacional” (SIMON, 2012, p. 126). A respeito da cidade transnacional, a Simon sinaliza o seguinte:

[...] é um espaço de maior conscientização da linguagem, onde as trocas são aceleradas ou bloqueadas, facilitadas ou forçadas, questionadas e criticadas. A cidade transnacional é, claro, uma cidade multilíngue, mas vista da perspectiva do movimento e da textura na vida da linguagem urbana (SIMON, 2016, p. 16).

Conforme observado no recorte acima, a cidade transnacional e multilíngue promove uma reflexão em torno do uso territorial e linguístico dos espaços urbanos. No entanto, a simples discussão dessa temática não implica o reconhecimento dos direitos linguísticos de todas as línguas que circulam na cidade. O direito linguístico é alcançado na medida em que as línguas da cidade participam nas conversas cotidianas relacionadas à cidadania cultural. Para Simon, “a cidadania requer, em primeiro lugar, o envolvimento com outras pessoas na criação de espaços sociais compartilhados. Para que as línguas não oficiais tenham direito à expressão, elas devem ser traduzidas para a língua oficial” (SIMON, 2012, p. 127).

Partindo da perspectiva descrita por Simon, o presente artigo pretende discutir, através dos resultados de uma pesquisa científica em andamento, de que forma as línguas dialogam, interagem e produzem práticas de tradução nos espaços urbanos de Bissau. Em vista disso, a pergunta que norteia a realização da pesquisa é a seguinte: De que forma os espaços de tradução em Bissau registram/registraram pistas e/ou indícios de traduções culturais preponderantes para reinterpretar as memórias daqueles sujeitos e/ou entidades que contribuem/contribuíram para reavivar uma história de tradução na cidade? Esta pergunta é o eixo central que permite tecer os argumentos apresentados no percurso investigativo deste trabalho, tendo em vista que as conexões metafóricas tecidas entre o espaço, a linguagem e a memória estão em si refletidas na História da Tradução que circulam as paisagens urbanas de Bissau e representadas nas narrativas de quem explora cotidianamente os espaços multilíngues, multiculturais, multiétnicos e multirreligiosos que constituem a capital do país.

Assim, o eixo central deste artigo está na questão do espaço material da tradução, particularmente a espacialidade do ambiente urbano visto como espaço de tradução e lugar de memória. Desta maneira, o objetivo geral deste artigo é apresentar um balanço parcial da pesquisa científica desenvolvida na Universidade Lusófona da Guiné (ULG) sobre “Bissau em tradução”. Para isto, apresento alguns resultados obtidos com o mapeamento linguístico proposto pela ULG em novembro de 2020, cuja parte do objetivo

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento esteve relacionado à definição dos espaços de tradução existentes em Bissau. Sendo assim, proponho como objetivos específicos deste artigo discutir os conceitos de zona de tradução (SIMON, 2013), espaço de tradução (CRONIN; SIMON 2014) e tradução cultural (BHABHA, 2010); analisar a “Praça dos Heróis Nacionais” enquanto espaço de tradução; e descrever alguns percalços e desafios encontrados nas primeiras etapas da pesquisa, ocorridas de fevereiro de 2021 a março de 2022.

Tendo em vista o contexto histórico internacional com o qual vivemos, motivado pela crescente interdependência entre estados além dos eixos tradicionais de influência que floresceram em torno do termo globalização, o fenômeno da migração tornou-se cada vez mais acentuado, aumentando o fluxo de migrantes nas grandes cidades, ocasionando maior diversidade, transferência e circulação de línguas em contextos urbanos. No caso específico deste artigo, este fenômeno promoveu a interação de linguagem, espaço e memória, permitindo assim reescrever a história da “Praça dos Heróis Nacionais” de Bissau a partir de uma perspectiva espacial da cidade, onde diferentes linguagens histórico-culturais transculturais estão presentes.

Portanto, o presente artigo se justifica pelo fato de trazer ao público interessado nos estudos sobre espaços urbanos uma reflexão sobre a cidade como um lugar de enunciação, a espacialidade dela como objeto de pesquisa e a tradução como um lugar intermediário para reescrever sua história cultural a partir de olhares epistemológicos pós-coloniais. Sendo assim, a pesquisa em curso se torna relevante à medida em que se evidencia a concepção histórico-sociocultural dos espaços de tradução e dos lugares de memória de Bissau, levando em conta seu contexto identitário e transcultural.

No que concerne à metodologia, a pesquisa concilia diferentes procedimentos de geração e coleta de dados alinhados à história oral, tomando como recorte espaço-temporal, o espaço de tradução e o lugar de memória da “Praça dos Heróis Nacionais”, situada na região central da capital, no período compreendido de fevereiro de 2021 a março de 2022. Dito isto, a utilização da metodologia em história oral me permitiu construir o *corpus* documental da pesquisa a partir da noção fundamental da “documentação viva” (SEAWRIGHT, 2017). É, portanto, essa “documentação viva” que “faz parte da história das memórias individuais, compartilhadas e de relações” (AGUIAR, 2021, p. 102). Assim, compõem as narrativas dos colaboradores de pesquisa a fim de tecer uma rede de conexões transversais entre o *corpus* da entrevista, registros documentais e fotográficos, sempre os atravessando e conectando-os.

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento

Durante a elaboração da proposta de pesquisa, propus um cronograma de trabalho que contemplasse o mapeamento dos espaços de tradução, dos lugares de memórias da cidade e das etapas de execução das entrevistas, definidas como pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. Na pré-entrevista, defini uma dinâmica em que pudesse considerar uma etapa de preparação do terreno com a qual tivéssemos os primeiros contatos com os colaboradores da pesquisa e pudéssemos explicar o que consistia o projeto e a relevância da participação deles no processo. Sobre as entrevistas, elaborei as fichas de entrevistas, os roteiros gerais e individuais das entrevistas, e a partir do perfil dos colaboradores de pesquisa, decidi trabalhar com dois tipos de entrevistas: a tradição oral e a trajetória de vida. Com o registro das entrevistas, a pós-entrevista se concentrou na passagem do estado oral para o estado escrito através dos procedimentos de transcrição, textualização e transcrição das entrevistas.

No que se refere à estrutura deste artigo, o caráter diacrônico do estudo permite que a escrita se dê de forma horizontal. Sendo assim, apresento a introdução do artigo com seu tema central, tento situar o contexto, delimito o tema, descrevo os objetivos gerais e específicos, enuncio a metodologia e a estrutura do trabalho. Em seguida, discuto os conceitos de zona de tradução, espaço de tradução e tradução cultural, com ênfase nas categorias “tradução como violência e coerção do espaço urbano” e “tradução cultural como rasgo de trajetória de vida”, para analisar a “Praça dos Heróis Nacionais” enquanto espaço de tradução. Por último, trago, nas conclusões finais, alguns percalços e desafios encontrados durante a execução das primeiras etapas desta pesquisa em andamento.

2. Bissau como Zona de Tradução: cenas transnacionais em contextos culturais urbanos

Trazer ao debate o uso da tradução para refletir as transações linguísticas que ocorrem nos espaços urbanos de Bissau significa remeter à ideia de zona de tradução. O conceito de Zona de Tradução foi desenvolvido por analogia com o impactante conceito de zona de contato, de Mary Louise Pratt. Em *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação* (1999), Pratt definiu o conceito de zona de contato como “os espaços sociais onde as culturas se encontram, se chocam e se enfrentam, geralmente em relações de poder altamente assimétricas, como o colonialismo e a escravidão” (PRATT, 1999, p. 87). O conceito proposto por Pratt é compreendido aqui como sinônimo de fronteira cultural. Neste sentido, ele estará associado às dimensões interativas dos encontros coloniais, questionando “como os sujeitos coloniais são constituídos nas e

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento pelas relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e visitados, em termos de interação e trocas no interior de relações assimétricas de poder” (MACHADO, 2000, p. 283). Sendo assim, as concepções sobre deslocamentos, interações e contatos descritos minuciosamente na obra de Pratt serviram como impulso teórico-metodológico para a autora correlacionar a literatura de viagem com a tradução, e a tradução, por tratar-se de uma das maiores atividades na zona de contato, beneficiou-se com o conceito de Pratt ao estabelecer novas conexões transdisciplinares. Em 2006, a pesquisadora Emily Apter retoma o conceito zona de contato (PRATT, 1999) para introduzir o termo zona de tradução, vinculando o conceito e sua importância aos estudos da Literatura Comparada. Para Apter, a noção de “zona de tradução” é definida nos seguintes termos:

Amplamente concebida [...], a zona de tradução aplica-se a comunidades de línguas da diáspora, a esferas públicas de impressão e mídia, a instituições de governamentalidade e de decisão de políticas de língua, atos de guerra, e a teorias literárias com particular relevância para a história e o futuro da literatura comparada (APTER, 2006, p. 6).

A proposta conceitual de Apter (2006) traz à discussão uma reflexão entorno do engajamento das instituições públicas e privadas no que se refere à promoção de política linguística e de tradução, estas que permitam reconhecer o grau de importância tanto das línguas tradutoras quanto das línguas traduzidas, constituindo práticas de hibridismos e crioulização vinculadas à tradução polimorfa, característica de ambientes linguísticos em contextos interativos das relações transnacionais, conforme veremos mais adiante. Com a perspectiva de Apter, as fronteiras tornaram-se flexíveis, podendo “imaginar uma topografia intelectual abrangente, uma zona de engajamento crítico que não se restringe aos limites da nação nem uma condição amorfa associada ao pós-nacionalismo, mas uma zona de envolvimento crítico que conecta o ‘l’ e o ‘n’ de tradução (transLation) e transNação” (APTER, 2006, p. 5).

Em 2013, a canadense Sherry Simon, no artigo *Zona de Tradução*, retoma o conceito de Apter (2006) para dialogar com a pesquisa que vinha desenvolvendo sobre a interação dos espaços urbanos com os processos de tradução nas cidades de Calcutá, Trieste, Barcelona e Montreal. Para Simon:

Zona de tradução refere-se a uma área de intensa interação entre línguas. As dimensões e a natureza dessa área podem variar consideravelmente: pode abranger uma grande extensão geográfica, como impérios multilíngues, como os impérios russo, habsburgo ou otomano, ou nações multilíngues, como a Índia; pode ser aplicado a transações fronteiriças específicas, como as da fronteira EUA-México; e pode se referir aos microespaços de cidades multilíngues (termos relacionados: espaço de

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento
tradução, área de tradução, zona de fronteira, região de fronteira) (SIMON,
2013, p. 181 *apud* AGUIAR, p. 88).

A concepção apresentada por Simon dialoga com a pesquisa em curso no sentido de compreender que a existência de uma zona de tradução está condicionada à lógica de territórios reticulares, à existência de um intenso tráfego de línguas, ao olhar crítico do observador sobre a extensão geográfica deste espaço, às distintas terminologias aplicadas ao termo e à condução de microespaços urbanos que direcionem a vários entre-lugares. No caso desta pesquisa, aproximo o conceito zona de tradução à dimensão macroespacial que compõe geograficamente o Setor Autônomo de Bissau (SAB). Dito isto, interessa-me descrever esse macroespaço enquanto território constituído por práticas tradutórias guiadas por migrantes que cruzaram as fronteiras nacionais rumo à Bissau, visto que este é um espaço único para a análise dos pontos de intersecção (ou transculturação) entre o local e global na produção de registro da vida cultural migratória em diálogo com os cosmopolitismos vernaculares.

Assim como Luanda, Maputo e Dakar, Bissau é vista como um macroespaço multilíngue, multicultural, multirreligioso e multiétnico majoritariamente urbano, onde a troca é acelerada ou bloqueada, facilitada ou forçada, questionada ou criticada a partir de suas distintas relações transnacionais. A seguir, proponho com as imagens registradas da cidade, uma descrição ainda que sucinta de Bissau enquanto zona de tradução.

Foto 1: Imagem aérea da Assembleia Nacional Popular, Bissau



Fonte: Albano Barai (março de 2020)¹

¹ Disponível em: <https://www.novafrica.co.ao/politica/guine-bissau-quando-e-que-esta-terra-arranca-video-sic-noticias/>. Acessado em 01 out. 2021.

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento

A Figura 1 se trata da sede da Assembleia Nacional Popular, inaugurada em 2005. É o principal órgão legislativo do país, responsável também pela fiscalização política do representante da população guineense. Está localizada no início do bairro Praça, espaço geopolítico estratégico onde se encontram as principais embaixadas e organismos não-governamentais internacionais. Além disso, é a principal via terrestre que conduz ao aeroporto Internacional Osvaldo Vieira. A Praça, na Figura 2, é a região central de Bissau. Mapeado como uma Zona de Tradução, a Praça é um dos destaques desta pesquisa por causa de seu fluxo de comércio formal e informal, como será exposto mais adiante neste texto.

Foto 2: Praça, região central de Bissau



Fonte: Dados da pesquisa(novembro, 2020)

Localizada na costa oeste da Guiné-Bissau, Bissau está às margens do Rio Geba, próximo do Oceano Atlântico. Denominada de Setor Autônomo de Bissau (SAB), Bissau é a capital do país e sua maior cidade. Constituída de uma população que mescla migrantes nacionais (49,1% da população) oriundos das oito regiões do território nacional e migrantes estrangeiros (2,6% da população) de nacionalidades distintas (INE, 2009), Bissau possui representações físicas simbólicas como o Mercado Bandim, a Assembleia Popular Nacional, a Praça dos Heróis Nacionais e outros locais de negociações linguísticas semelhantes à Praça, região localizada no centro da cidade. No que se refere à Praça, cabe fazer uma menção especial a este espaço. Situada na região central de Bissau, a Praça é ponto de interseção da cidade, onde a vida política, econômica e cultural da cidade se cruzam. Entre o Porto de Bissau e a Assembleia Nacional Popular, a

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento
Praça possui os principais bancos privados do país, sedes centrais dos institutos tecnológicos, universidades privadas, diversos ministérios públicos e bibliotecas privadas, além dos centros culturais internacionais, dos comércios formais e informais, das casas de shows, dos restaurantes nacionais e internacionais e um conjunto arquitetônico colonial, composto de praças públicas e igrejas diversas. Tais locais estão inseridos no conjunto geográfico da cidade e fazem parte da história cultural do país.

Os dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) são questionados pela presente pesquisa por dois fatores explícitos detectados durante o trabalho de campo: 1. O Censo reflete a realidade populacional de 2009. Desde então, o instituto não promoveu ou atualizou os dados; 2. Com a implementação do Protocolo de Livre-Circulação dos Estados-Membros da União Africana (2018), migrantes oriundos de diversos países da África Ocidental se deslocaram para Guiné-Bissau, fugindo dos conflitos políticos ou buscando novas oportunidades de vida. Dos migrantes aqui entrevistados, alguns confidenciaram que adquiriram diretamente a nacionalidade guineense, e outros afirmaram que não possuem a documentação nacional. Desta maneira, há uma dificuldade por parte do Ministério do Interior de acompanhar a entrada, o pedido de visto e a permanência desses cidadãos em território guineense.



Foto 3a: Instituto Bissau Internacional **Foto 3b:** Hotel Hong –da –Centro de Bissau

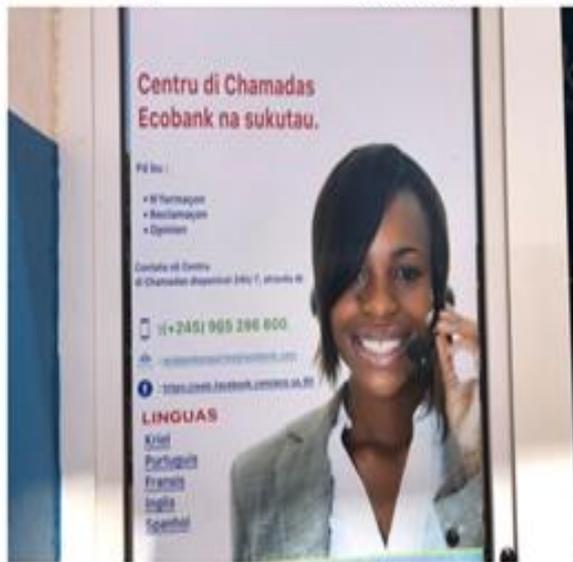


Fonte: Dados da pesquisa

Foto 3c: Entrada do Porto



Foto 3d: Publicidade do Ecobank



Fonte: Dados da pesquisa



A Praça possui um significado linguístico bem peculiar. Além de possuir a maior concentração de falantes da língua portuguesa do país (INE, 2019), é possível de observar a circulação do crioulo guineense (língua majoritária), o árabe, o inglês, o francês, o espanhol e o mandarim. Neste mosaico de línguas, encontra-se presente, ainda que minoritariamente, a língua híbrida *wolof* (mistura do francês com crioulo senegalês), pesquisada há algum tempo por Malherbe (1989). O multilinguismo está presente em todos os espaços de Bissau, configurando-se numa paisagem linguística representativa, conforme se percebe no registro da *Figura 3a*, representada pelo *Instituto Bissau Internacional Management and Technology School*, instituição de ensino privado cujo nome em língua inglesa é um *marketing* institucional para atrair estudantes. Ainda nesta linha de raciocínio, encontram-se diversos hotéis, restaurantes e bancos com nomes estrangeiros e sinalizados em línguas estrangeiras, como é o caso do Hotel Hong-da, do Eco-Banco e da entrada do Porto de Pidjiguiti, registrados nas Figuras 3b, 3c e 3d. Segundo relatos dos nossos colaboradores de pesquisa, atribui-se os nomes e sinalizações em línguas estrangeiras à circulação de turistas estrangeiros na região. Tal

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento leitura é simplória e não leva em conta as relações de poder existentes nesses espaços, considerados elitizados pela maioria da população guineense.

Esses são espaços simbólicos e fisicamente carregados com a atividade de tradução, onde é possível ouvir, observar e analisar como as línguas circulam, disputam territórios e interagem, constituindo o que Michael Cronin e Sherry Simon (2014) definem como espaço de tradução. O espaço de tradução está no âmago das relações entre áreas e lugares da cidade, compreendidos por locais que proporcionam um compartilhamento de experiências humanas daqueles que circulam e interagem contidamente nos espaços públicos e privados de Bissau.

3. Bissau como espaço de tradução: cenas da vida cultural humana em contextos urbanos.

Conforme descrito até o momento, o conceito de espaço possui um grau significativo de relevância para esta pesquisa. No entanto, refletir o termo desde a ótica dos Estudos da Tradução preestabelece exercitar um diálogo multidisciplinar que envolve diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas. Além da proposta de Cronin e Simon (2014), procuro seguir as trilhas de Milton Santos (1978) e Lúcia Santaella (2007) no que tange a visão do espaço enquanto experiência humana. Nas palavras de Santaella:

O espaço que experienciamos [...], é o espaço do céu, ou do mar, ou da paisagem, ou da cidade vista de um edifício alto, o espaço construído das ruas, dos prédios vistos de fora ou experienciados no seu interior, o espaço dos mapas, dos planos, cosmografias e geometrias, espaços interestelares, o espaço possuído pelos objetos ou aclamados pelos países ou ainda o espaço devotado aos deuses. **Enfim**, o espaço nos parece de uma variedade de formas e de relações entre espaço e lugar, em que **os lugares não podem ser separados de seu contexto de experiência** (SANTAELLA, 2007, p. 164, grifos meus).

Levando em conta a concepção de Santaella, procuro relacionar as observações e análises dos espaços urbanos de Bissau a partir de uma leitura geográfica, porém condicionada às histórias culturais e de vidas que foram construídas a partir das diferenças, das assimetrias, das relações sociais e dos conflitos linguísticos existentes entorno desses espaços. Como bem recorda Milton Santos (1978, p. 122), “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. Essa assimetria é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações cotidianas, tornando-se cada vez mais aguda em contextos espaciais como os de Bissau. Visto desta ótica, Cronin recorre ao conceito de zona de tradução em áreas fronteiriças e cidades

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento multilíngues para estender sua concepção espacial sobre o termo espaço de tradução. Conforme este autor:

Pensar na cidade como uma zona de tradução no contexto da globalização ajuda os estudiosos a refletir sobre como as cidades atualmente funcionam como **espaços de tradução**, como elas funcionaram dessa maneira no passado e como podem evoluir no futuro. A construção da cidade global como zona de tradução oferece, em termos conceituais, uma 'terceira via': por um lado, uma ideia da cidade como a coexistência de solidariedade linguística e, por outro, o paradigma de assimilação do "caldeirão" de hostilização das línguas dominantes (CRONIN, 2006, p. 68, *apud* AGUIAR, p. 91).

A percepção de espaços de tradução trazida por Cronin será ampliada posteriormente no artigo *A cidade como zona de tradução* (2014), publicado em parceria com Sherry Simon. Para os autores, o conceito *espaço de tradução* está relacionado aos "espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, e lutam umas com as outras, por vezes em relações altamente assimétricas" (CRONIN; SIMON; 2014, p. 121). Neste viés, a tradução é enxergada como uma ferramenta dialógica de engajamento crítico destes espaços. Ao mesmo tempo, estes espaços são vistos sobretudo como algo situacional que se refere aos lugares geográficos que remetem a um produto cultural da própria história da cidade. Portanto, a concepção de espaço de tradução proposta nesta pesquisa se refere aos microespaços de Bissau onde há uma calorosa interação entre línguas que circulam, que são ouvidas e reconhecidas, porém que não necessariamente dialogam. Para que elas possam dialogar é preciso haver práticas de tradução, que elas sejam traduzidas. Visto desta forma, quando surgiu a proposta de pesquisar os espaços de tradução em Bissau?

Para responder a esta pergunta, recorro ao mês de outubro de 2020, quando cheguei à Bissau para assumir a vaga de leitor de língua portuguesa, cargo vinculado ao Programa de Leitorado Brasileiro do Ministério das Relações Exteriores. Naquele período, o Leitorado Brasileiro estava lotado na Universidade Lusófona da Guiné (ULG), maior instituição privada de ensino superior da Guiné-Bissau. Quando cheguei à ULG, tive a percepção de que estava num espaço de tradução (CRONIN; SIMON; 2014, p. 121, *apud* AGUIAR, 2021, p. 91). Visto desta forma, os primeiros seis meses de Leitorado me serviram para observar a circulação das línguas na ULG. Em seguida, o Núcleo de Língua Portuguesa, no qual eu estava vinculado e assumi a coordenação, elaborou um mapeamento linguístico da universidade. Partindo da pergunta "Que língua(s) materna(s) você fala?", detectamos a presença de 13 línguas na ULG: crioulo guineense; fula; balanta; mandinga; papel; mandjaku; bijagós; mancara; felupe; português; francês; inglês

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento e espanhol². Ainda que houvesse a circulação dessas línguas no espaço acadêmico, a língua crioula guineense prevalecia sobre as demais.

Ainda a respeito do instrumento aplicado no mapeamento linguístico da ULG, aproveitei a ocasião para acrescentar as seguintes perguntas: Quais são os três lugares de Bissau que você considera parte da história urbana da cidade? Quem são as três pessoas com quem você mantém contato mais frequentemente, fora as que vivem em sua casa, e que gostam de falar sobre os lugares e as histórias de Bissau? Embora os colaboradores de pesquisas fossem estudantes da ULG e os resultados não representassem uma porcentagem significativa dos moradores da capital, os números poderiam sustentar a hipótese de que Bissau é uma “zona de tradução” e, portanto, ela é constituída por diversos “espaços de tradução” a serem pesquisados. Dito isto, os resultados iniciais ofereceram um cenário marcado por espaços geográficos que dão origem a um tráfego linguístico intenso e são um produto da história da cidade de Bissau³. Dentre os espaços mapeados, cito: Mercado Bandim, Assembleia Nacional Popular, Praça dos Heróis Nacionais, antigo Cinema da União Desportiva Internacional de Bissau (UDIB), Hotel Coimbra, Catedral Nossa Senhora da Candelária, Bissau Velho e Porto de Bissau.

Partindo do conceito enunciado sobre espaço de tradução, apresento a seguir um recorte de pesquisa sob a “Praça dos Heróis Nacionais”, fruto dos primeiros resultados analíticos do trabalho de campo, executado de fevereiro de 2021 a março de 2022. Durante este período, utilizei a metodologia da história oral para desenvolver a pesquisa baseado em entrevistas, documentos históricos e registros fotográficos coletados durante as primeiras etapas do trabalho. Tais instrumentos serviram para constituir o corpus da pesquisa e discutir as categorias de análise que posteriormente seriam incorporados na reinterpretação dos espaços que constituem a história cultural da cidade.

3.1. Praça dos heróis: a tradução como violência e coerção do espaço urbano

Localizada na parte central da cidade, a Praça dos Heróis Nacionais é o ponto de partida para quaisquer expressões ou manifestações de cunhos políticos, econômicos, religiosos, artísticos, educativos ou culturais de Bissau. Conforme observa-se na Figura 5

² Conforme descrito nas páginas iniciais deste artigo, o Instituto Nacional de Estatística (INE) registrou, no censo de 2009, a presença de 15 línguas faladas no território bissau-guineense, levando em conta as línguas enunciadas pelas etnias nacionais e a língua portuguesa, considerada a língua oficial do país.

³ Cabe ressaltar que os oito espaços apresentados neste artigo refletem os maiores números de entradas e registros citados pelos recenseados durante a aplicação do instrumento de pesquisa. Além destes espaços, foram citados mais 18 lugares com pouca incidência de registro, o que caracteriza uma baixa circulação de línguas.

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento (ESTÁCIO, 2011), a Praça dos Heróis Nacionais está inserida num espaço geográfico que constitui um conjunto de instituições públicas e privadas vinculadas historicamente ao poder político da Guiné-Bissau.

Foto 4: Praça dos Heróis nacionais



Fonte: Society for the promotion of Guinea Bissau

Foto 5: Descrição da praça dos Heróis Nacionais



Foto do livro "Guiné-Bissau", de Michel Renandeu – Editions Ebroisse, que, com a devida vênica, reproduzimos.

Vista aérea e parcelar da cidade de Bissau, identificada de acordo com a numeração: (1) antiga Praça do Império; (2) edif. da antiga Associação Comercial e Industrial e Agrícola da Guiné que, após a independência da Guiné-Bissau, acolhe a sede do P.A.I.G.C.; (3) antigo Palácio e residência do Governador da Guiné; (4) edif. da antiga Biblioteca e Museu que, em 1991 acolhia o Ministério dos Negócios Estrangeiros da G-B e onde, em 2006, estava o Primeiro-ministro, donde ser conhecido por "Primaturo"; (5) edif. da TAP; (6) antiga Pastelaria Império; e (7) complexo da União Desportiva e Internacional de Bissau. No quadrado, a casa da "Nha Bjago", na antiga Av. Cinco de Junho, depois "Mouzinho de Albuquerque", mais tarde "Américo Tomás", aquando da visita do Presidente da República Américo Tomás²⁰⁶ e, desde 20.01.1975, Av. Pansau Na Isua.

Nota: A seta indica a referida "meia-água", já parcialmente destruída.

Fonte: Estácio (2011)

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento

Mas, afinal, de que forma a tradução é representada nesse espaço urbano regido pelo interesse político que visa apenas estreitar as relações de poder com as classes hegemonicamente dominantes da sociedade guineense? Neste contexto, os próprios nomes dados à praça refletem o poder da tradução como forma de violência e coerção, corroborando com o apagamento histórico e a mudança política imposta pelos poderes públicos e privados interessados na manutenção de um *status quo* hegemônico. A este respeito, Sherry Simon recorre às cidades da Europa Central onde os regimes políticos interviram durante décadas nos processos políticos e linguísticos da região, questionando o seguinte:

Que tipos de tradução são possíveis nos mundos linguísticos fragmentados das cidades da Europa Central? Para as cidades da Mitteleuropa, a tradução no século XX deve, antes de mais, ser identificada como uma forma de violência e coerção. Presas entre as forças opostas dos impérios soviético e alemão, as cidades da Europa Central foram sujeitas a sucessivas tomadas de controle, e o conflito de ambas as guerras mundiais resultou em sofrimento e morte generalizados. A Segunda Guerra Mundial viu a extinção da cultura da língua iídiche na Europa Oriental. Os próprios nomes dessas cidades refletem o poder da tradução como apagamento e reforma (SIMON, 2012, p. 133, *apud* AGUIAR, p. 154).

Da mesma forma que sucedeu em alguns espaços de tradução da Europa Oriental após a segunda guerra mundial, a Praça dos Heróis Nacionais mudou duas vezes de nome entre 1934 e 2022. Batizada inicialmente como Praça do Império, o espaço fez parte de um conjunto de obras impulsionadas pelos lusitanos através do projeto “Na construção do Portugal além-mar”. De 1934 a 1970 foram construídas diversas praças e monumentos em Bissau, segundo dados disponibilizados pelo Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico (SIPA) do Ministério da Cultura de Portugal. No caso específico do nosso objeto de análise, a inauguração da Praça do Império esteve relacionada à construção do monumento comemorativo ao “Esforço da Raça”. Em 1934 foi o lançamento da primeira pedra de construção do monumento, projeto assinado pelo arquiteto Ponce de Castro, cuja cantaria foi enviada da cidade do Porto. A respeito deste monumento, *Society for the Promotion of Guinea Bissau* faz a seguinte descrição:

O monumento ao esforço da raça, foi inaugurado em 1941. Implantado na Praça do Império, a eixo e fronteiro ao palácio do governo, é uma obra de inspiração Arte Deco, com desenho invulgar e dimensão monumental de grande escala numa expressão geral densa e algo Neo barroca. Uma série de elementos curvilíneos, em pedra e cobre embutidos, simbolizando a epopeia das grandes navegações portuguesas, assente sobre uma Cruz de Cristo idealizada pelo engenheiro José Guedes Quinhones, autor do projeto urbanístico de Bissau e suportando frontalmente um elemento vertical, numa espécie de pilar celebrativo. Obra de autoria do arquiteto

Ponce de Castro, tendo os módulos de pedra sido trabalhados e enviados da cidade do Porto. Sete anos demorou a sua construção, desde o lançamento da primeira pedra em 1934, até à sua conclusão em 1941 (*Society for the Promotion of Guinea Bissau*, abril de 2022)

A partir de 1973, com a declaração de independência da Guiné-Bissau, diversas praças foram renomeadas ou destruídas. Diversos monumentos e estátuas portuguesas foram derrubadas e retiradas dos espaços públicos. Assim, a “Praça do Império” passou a se chamar “Praça dos Heróis Nacionais”, e o monumento “Esforço da Raça” foi renomeado para os “Heróis da Independência”, tendo sido o único monumento português que permaneceu quase intacto em Bissau, sendo incorporado apenas uma estrela como símbolo da luta pela independência. Cada mudança mencionada na toponímia da praça e do monumento representa uma transferência de poder político e linguístico, projetando uma visão histórica diferente para cada contexto em que as memórias se tornaram estratificadas, as línguas que circulavam acabaram sendo subjugadas às outras línguas e os lugares compartilhados pela população foram renomeados ou sujeitados a novas conversões linguísticas.

Quando me refiro que a tradução tem força de coerção é porque ela corrobora no sentido de apagar a escrita da histórica local, de limpar para fora, de rebatizar os espaços urbanos. Com o fim do domínio português, a principal praça de Bissau foi rebatizada de acordo ao novo período histórico, sendo que os antigos heróis nacionais portugueses foram desqualificados e substituídos, assim como novos ícones libertadores nacionais foram glorificados e perpetuados. Com o fim do domínio colonial, a “Praça dos Heróis Nacionais” foi recoberta por uma nova língua, de uma nova configuração identitária e política. Conforme veremos nas imagens a seguir, a praça se tornou um espaço de tradução em que pessoas de distintas etnias e nacionalidades intercambiam olhares e experiências, simultaneamente estabelecendo novas formas de políticas e de relações de poder.



Ainda que a sociedade guineense não tenha participado diretamente do processo que resultou na redefinição do nome do espaço público supracitado, recorrente de um novo modelo de poder político cada vez mais voltado para a imposição por parte dos agentes hegemônicos para com a sociedade civil, a população do Setor Autônomo de Bissau (SAB) se apropria de forma contínua da principal praça do país, transformando-a num lugar de memória (NORA, 1993).

Os registros fotográficos da Figura 5 dizem respeito ao dia 12 de maio de 2021, data comemorativa do *Eid al-Fitr*, primeiro dia do mês de Shawwal (Calendário Islâmico), que marca o fim do Ramadão (jejum de um mês) e o início de uma festa que quebra o jejum. Além das festas religiosas, a comunidade do SAB se reúne todos os fins de semanas e feriados nacionais no entorno da praça. Ali se encontra todas as etnias, se fala diversas línguas, se escuta distintos gêneros musicais africanos e se alimenta das barraquinhas dos vendedores ambulantes. Como bem salientam Nora (1993) e Le Goff (2008), o lugar de memória e a memória coletiva servem para a libertação e não para a servidão dos processos históricos e das construções identitárias. No caso da comunidade do SAB, ela tece sua memória cultural a cada encontro fincado nesse espaço de tradução. A este respeito, descrevo a seguir uma síntese das memórias de Demil, um *dila*⁴ que trabalha entorno da Praça dos Heróis Nacionais.

3.2. Praça dos Heróis Nacionais: tradução cultural como rasgo da trajetória de vida

A participação de Demil Sékou, guineense nascido na cidade de Gaouai, localizada na região norte de Guiné-Conacri, não foi por acaso. Retornando à abordagem

⁴ Palavra originária do crioulo guineense que se refere ao ambulante, pessoa que vende mercadorias perambulando pelas ruas dos setores urbanos e rurais de Guiné-Bissau.

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento metodológica utilizada nesta pesquisa, recorro ao resultado do mapeamento linguístico aplicado na ULG em novembro de 2020. Conforme descrevi no início deste artigo, introduzi a pergunta “Quem são as três pessoas com quem você mantém contato mais frequentemente, fora as que vivem em sua casa, e que gostam de falar sobre os lugares e as histórias de Bissau?” Esta pergunta acabou conectando a pesquisa a Demil, pois ele foi citado algumas vezes durante a coleta de dados. Além disso, o perfil do selecionado coincidia com o tipo de entrevista que utilizaríamos nesta etapa da pesquisa, a entrevista sobre a história da “trajetória de vida” dos colaboradores de pesquisa. Para Freitas:

As trajetórias de vida são depoimentos de história de vida mais sucintos e menos detalhados. A opção por essa modalidade de entrevista acontece quando o depoente dispõe de pouco tempo para a entrevista, mas o pesquisador considera importante para os objetivos da pesquisa recuperar sua trajetória de vida (FREITAS, 2006, p. 23).

Valendo-me do método etnográfico da observação participante científica, estive durante vários dias circulando, observando e interagindo com os vendedores de créditos de celulares que trabalham em frente à agência da telecomunicação Orange, situada na Praça dos Heróis Nacionais, a fim de conhecer Demil. Ainda que tivessem um lugar fixo para atender seus clientes, a maioria deles se movimentava entorno da praça em busca de pessoas que chegam de carro ou passam pela redondeza. Não é coincidência que eles se autodenominam os *dilas* da Orange. Dito isto, consegui conhecer o Demil no terceiro dia de emersão. A primeira interação que tivemos ocorreu de forma pouco harmoniosa. Comentei que gostaria de entrevistá-lo e a reação foi imediata: “O que você quer saber? Não tenho tempo! Se eu sair daqui, deixo de ganhar!” Ainda assim, acabou marcando um café para o fim da tarde.

Nos reunimos no dia 05 de março de 2021, por volta das 17 horas de Bissau, em um dos bancos da Praça dos Heróis Nacionais. Estava fazendo um fim de tarde agradável com um clima fresco, algo raro em Bissau. Naquele momento, conversamos sobre temas afins como profissão, futebol e música. Após o quebra-gelo, apresentei as linhas gerais do projeto, expliquei o grau de importância das narrativas produzidas por ele para o projeto e informei sobre a cessão dos direitos de entrevista. Após explanações e retiradas de dúvidas, apresentei o primeiro instrumento de trabalho aplicado aos colaboradores de pesquisa: a Ficha de Entrevista. Ao pedir para que ele preenchesse o documento, acabei sentido um incômodo por parte do Demil. Ainda que falasse um francês bem articulado, ele não sabia ler. Para mim, foi a primeira experiência vivenciada assim desde que comecei a trabalhar com pesquisa etnolinguística. Ao final, a situação não comprometeu o trabalho, pois a metodologia estava focada na narrativa. As fontes escritas serviriam para

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento enriquecer e contextualizar as análises histórico-culturais que são feitas durante os procedimentos metodológicos, ou seja, nas etapas de transcrição, textualização e transcrição das entrevistas.

No decorrer de 2 meses, tivemos 4 encontros formais, percorrendo 1 hora e 48 minutos de entrevistas gravadas na Praça do Heróis Nacionais e na Padaria do Império, localizada em frente à praça. Durante esse período utilizamos vários estímulos para o desenvolvimento da narrativa, pois o tempo de cada entrevista era curto e as condições de trabalho provocavam reflexões tenras sobre a condução da entrevista. Para Freitas (2006), uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes. O ritual inicial de nossa entrevista foi composto de momentos em que nos avaliávamos mutuamente, em que os olhares, os gestos, os movimentos, as reações, enfim, cada ação era observada e detectada por ambos. Por isso, os rituais de nossas entrevistas foram constituídos por uma relação humana com alto grau de alteridade e respeito.

Não obstante, a entrevista é um “ritual acadêmico - praticado interativamente entre narrador e narratário - no momento em que duas ou mais pessoas se dispõem a gravar aquilo que dizem” (SEAWRIGHT, 2017, p. 203). Em história oral, como bem descreveu Meihy, as “entrevistas demandam um cerimonial que, por simples que seja, transforma a situação de pesquisa em evento social, ainda que íntimo” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 21). Neste sentido, retomei o método etnográfico de participação-observação para conduzir o ritual da entrevista com o Demil, seguindo os procedimentos preestabelecidos pela história oral, porém buscando uma aproximação cada vez maior com o perfil das pessoas com as quais o colaborador de pesquisa costuma lidar no dia a dia.

Foto 6: Demil em Gaouai, Cidade natal



Fonte: Arquivo pessoal

Na primeira entrevista, Demil trouxe uma caixinha com diversas fotos de seu registro pessoal. Dentre tantas, a imagem acima me chamou a atenção. Composta de um reagrupamento de fotos familiares, elas serviram como ponto de partida para gerar alguns estímulos a nossa interação. Perguntei quantos anos tinha naquele momento, se a menina era sua namorada e sua resposta fez menção à cultura muçulmana presente na prática de casamento precoce; mas, sem hesitar, Demil Sékou afirmou:

Sim, ela era a minha namora! Agora, minha esposa! Essas fotos representam três etapas diferentes da minha vida em Gaouai, minha cidade natal. Minha adolescência, minha primeira namorada e quando regresssei, ano passado. À esquerda é uma foto tirada pelo meu irmão mais velho, Kone. Tinha doze anos e estava preparando o chá para meus avós. Vivíamos todos numa mesma casa! Éramos quinze pessoas, incluindo meus avós maternos, meus pais com quatro filhos e meus tios com seus 5 filhos. Éramos muito pobres, mas não passávamos fome! No quintal da casa, tínhamos plantações e galinhas. Duas vezes por semana, saíamos para pescar e irmos à mesquita. A situação piorou quando meu pai faleceu! Parece que a família se desintegrou! Meus tios se apropriaram de tudo que tínhamos e minha mãe ficou doente. Então, resolvi sair de casa e deixar Diarabi, a menina da foto. Ela foi concedida a mim quando eu tinha 14 anos.

Na religião islâmica, o casamento precoce faz parte de uma cultura enraizada no ceio da família, passado de geração para geração. No caso de famílias que residem nas zonas rurais, o fenômeno do casamento precoce e/ou forçado se acentua, segundo Ahmed (2010). No entanto, o ponto de análise da narrativa de Demil está focada composição de sua memória coletiva. Para Halbwachs (2013), a noção de memória está relacionada ao fenômeno coletivo, constituída socialmente a partir das relações estabelecidas entre indivíduos e grupos sociais. Neste sentido, o fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser percebido e analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a reconstrução

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento da memória. Assim, a memória de Demil não é nada mais do que a memória forçada pela vivência dele em diversos núcleos familiares ao mesmo tempo, gerando um conjunto de memórias coletivas na composição de sua própria história de vida.

Demil Sékou narrou que nasceu num povoado próximo à Kounsiteil, localizado na cidade de Gaouai, região norte da Guiné-Conacri. Durante a entrevista, ele continuou descrevendo alguns momentos de sua infância. Para ele, as lembranças vinham das brincadeiras com os primos e vizinhos e das primeiras lições na escola primária, onde falava com mais intensidade o francês: “quando tínhamos 7-9 anos, costumávamos sair bem cedo para a escola. Ali, a professora ensinava as palavras em francês, língua que usávamos no comércio e na mesquita. Aprendíamos o francês quando jogávamos e comíamos. Sempre quando vejo os legumes e as verduras me lembro das aulas de francês da profa. Marie. Em casa e com os colegas, falávamos bambara”. As palavras de Demil trazem rastros de suas memórias afetivas vinculadas não somente à imagem e ao texto, mas considerando outras percepções sensitivas como o olfato e o paladar. Eli Boscato comenta em seu blog, no artigo “O tempo e nossa memória sensorial” (2015), que ao comermos alguma coisa e de repente lembrarmos que aquilo tem sabor de infância, sentimos um aroma e lembramos de um momento, de um lugar, de uma pessoa”. Neste sentido, os cheiros da infância parecem os mais marcantes. Hoje, Demil resgata a memória da língua bambara e a utiliza como recurso na Praça do Heróis Nacionais: “por falar bambara, alguns colegas das etnias mandinga e fula me procuram na praça para comprar meus créditos e trocar algumas palavras dos nossos ancestrais”. Como descreve Bergson (2008), nós só tomamos consciência dos mecanismos da experiência da memória no momento em que eles entram em jogo, no presente e com o olhar voltado para o futuro.

Foto 7: Demil em Bissau, cenas urbanas da vida de um migrante



Fonte: arquivo pessoal

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento

Ao refletir sobre o modo de vida na Guiné-Bissau e o processo de adaptação sociocultural, surgiu a oportunidade de conversar sobre questões migratórias. Perguntei quando ele chegou à Bissau e o motivo pelo qual ele escolheu o país. Demil Sékou respondeu desta forma:

Foi a melhor opção! Com a morte do meu pai, meus tios me tiraram da escola para trabalhar na lavoura. Comecei a trabalhar duro quando tinha 10 anos! Meus irmãos mais velhos tinham ido para o Senegal. Naquela época, não puderam me levar porque eu era muito pequeno. Quando completei 17 anos, resolvi sair de casa. Pensei de reencontrar meus irmãos, mas não tinha documento para chegar à Dakar. Então, aproveitei o contato que tinha com alguns caminhoneiros que trabalhavam fazendo a rota Gaouai-Bissau-Gaouai e resolvi pegar uma carona. A entrada na Guiné-Bissau foi bem mais fácil! Por isso, estou aqui desde junho de 2017.

A narrativa de Demil Sékou remete à concepção clássica de um migrante em busca de oportunidade e melhor condição de vida. Ao confrontar-me com a história de vida do Demil, recorro ao pensamento de Bhabha (2010) ao descrever as experiências vividas pelos personagens migrantes do romance *Os Versos Satânicos* (RUSHDIE, 1989), em que ao saírem do continente africano para o mundo ocidental deparavam-se com uma nova forma de ver, lidar e interagir com outras culturas. Bhabha enuncia o termo tradução cultural ao fazer referência ao mundo de experiências desses migrantes. No entanto, antes de contextualizar o mundo com o qual o migrante deve se confrontar no território estrangeiro, é válido refletir o processo que implica para os migrantes e refugiados serem permanentemente empurrados para além de sua zona de tradução, isto é, conduzidos por questões diversas para um não-território em que seus direitos humanos são aparentemente suspensos.

Ao narrar os primeiros meses em Bissau, Demil descreve: “cheguei direto ao Porto de Bissau. Lá, eu podia trabalhar na carga e descarga dos caminhos sem ser molestado, pois negociava diretamente com os caminhoneiros guineenses em francês ou bambara sem que eles exigissem os documentos”. Mapeado como um espaço de tradução, o Porto de Bissau é reconhecido na parte ocidental da África como a área portuária que possui as menores taxas alfandegárias da região, o que faz com que os países vizinhos prefiram enviar suas cargas a Bissau. Dito isto, o Porto de Bissau é visto aqui como um mosaico multilíngue. Além do crioulo guineense e das línguas africanas regionais, ouve-se o português, o francês, o inglês e o espanhol. Neste espaço, as relações de poder conduzem as histórias de vidas daqueles que circulam por lá. Vejamos a narrativa de Demil: “estava trabalhando no caminhão de um guineense quando fui apresentado ao senhor Francisco Cá. Ele tinha muito contato no Ministério do Interior e assim consegui

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento meu documento de identidade guineense. Com o documento, fiquei mais tranquilo e procurei novos ares”.

Há três anos Demil Sékou trabalha na Praça dos Heróis Nacionais vendendo créditos de celular. Neste espaço de tradução, ele adquiriu amizade e respeito dos colegas. Conforme percebe-se na foto à esquerda da Figura 7, os *dilas* usam a publicidade da Orange como ponto de referência para atrair seus clientes. A respeito da adaptação ao local, Demil descreve: “quando cheguei, fiz um esforço para aprender português, mas percebi que nenhum dos meus colegas falava essa língua. Então, uma cliente me convenceu que falar crioulo seria mais atraente para mim”. A coexistência de uma solidariedade linguística permitiu a Demil construir seu entrelugar (BHABHA, 2010). Na concepção de Pym, Bhabha constrói sua narrativa baseada em três alternativas possíveis: “ou o imigrante permanece o mesmo ao longo do processo, ou ele se integra à nova cultura. Ou um ou outro” (PYM, 2017, p. 267-8). Para Demil, dominar línguas-culturas é um ato de sobrevivência, é construir um entrelugar que congrega diversos seguimentos socioculturais da cena urbana guineense. Como bem recorda Pym, ao trazer para a história de vida desse migrante o caráter intraduzível das traduções, o que antes era um ponto de resistência, uma negação de integração total e um desejo de sobrevivência, hoje se transforma no encontro com sua própria subjetividade (PYM, 2017).

Por fim, na tradução cultural proposta por Bhabha, a cultura passa a ser vista como algo aberto, dinâmico, flexível, heterogêneo, performático e híbrido, em que a “estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória” (BHABHA, 2010, p. 241). Segundo Souza, “é transnacional porque carrega as marcas de diversas experiências e memórias de deslocamentos de origem. É tradutória porque exige uma resignificação dos símbolos culturais tradicionais – como literatura, arte, música, rituais etc. [...]” (SOUZA, 2004, p. 125). Quando Bhabha, portanto, evoca uma cultura transnacional, ele está se referindo a um local de criação cultural (SIMON, 1995) onde o espaço de negociação define a subjetividade, o entrelugar, o performático e o transnacional.

Conclusão

Com o intuito de alargar o campo de debate proposto por Simon (2013) e Cronin & Simon (2014), este texto apresentou um recorte da pesquisa científica iniciada em fevereiro de 2021 na ULG. O contexto multilíngue, multicultural, multirreligioso e multiétnico pesquisado permitiu-me analisar como as relações linguísticas estabelecidas

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento nesses espaços de tradução desenvolveram significados históricos e culturais intensos e singulares. No entanto, alguns percalços e desafios foram apresentados no transcurso deste trabalho, conforme descrevo a seguir.

No que tange aos percalços, tínhamos um cronograma de trabalho que previa os seguintes passos: 1. Mapeamento dos espaços de tradução e lugares de memórias da cidade; 2. pré-entrevista (etapa de preparação do terreno na qual tivemos os primeiros contatos com os colaboradores da pesquisa; sucedeu a explicação do que consistia o projeto, explicou-se a relevância da participação dos colaboradores no processo, elaborou-se as fichas de entrevistas e os roteiros gerais e individuais das entrevistas); 3. entrevista; e 4. pós-entrevista. Deste cronograma, conseguimos avançar nas três primeiras etapas com apenas quatro colaboradores de pesquisa, localizados nas seguintes zonas de tradução: Mercado Bandim, Praça dos Heróis Nacionais, antigo Cinema da União Desportiva Internacional de Bissau (UDIB) e o Hotel Coimbra.

Na primeira etapa da pesquisa, não tivemos tantos problemas, pois havia trazido o legado do trabalho implementado em Ciudad del Este, Paraguai. Assim, o desenho metodológico estava bem afinado com o contexto local e os espaços de tradução detectados estavam localizados na Praça, região central da capital, onde se concentra grande parte dos serviços comerciais e administrativos da cidade. A dificuldade surgiu na segunda etapa da pesquisa, justamente no momento de consolidar o grupo de trabalho de campo para iniciarmos as entrevistas, as pesquisas dos documentos históricos e os registros fotográficos. Ao contrário das universidades federais brasileiras, que contemplam ensino, pesquisa e extensão como filosofia educativa e institucional, na Guiné-Bissau as universidades se dedicam exclusivamente ao ensino. As pesquisas científicas são ações isoladas e financiadas por organismos internacionais. Neste sentido, o grupo de trabalho designado para desenvolver a segunda etapa da pesquisa, constituído por 3 professores de língua portuguesa, 2 professores de sociologia e 2 estudantes da ULG, acabou não oferecendo uma disponibilidade maior de tempo para executar todo o cronograma previsto. Surgiu, assim, a primeira grande debilidade do projeto: a falta de financiamento para cobrir os pró-labores da equipe de colaboradores locais.

Mas quais foram, afinal, os maiores desafios encontrados nesta etapa do trabalho? Além das dificuldades mencionadas anteriormente, detectamos que os 12 colaboradores da pesquisa comprometidos com o projeto utilizavam cinco línguas distintas: crioulo guineense, balanta, papel, português e francês. No entanto, o grupo de pesquisa havia se

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento resumido a mim e ao prof. Imelson Cá. Apesar de os 12 colaboradores falarem fluentemente o crioulo, tinham uma proficiência básica em português e, dependendo da origem, falavam as línguas de suas respectivas etnias. A partir deste cenário, decidimos entrevistar inicialmente os colaboradores para que pudéssemos fazer uma mediação linguística mais harmônica, levando em conta o domínio das línguas faladas tanto pelos colaboradores quanto pelos pesquisadores e procurando valorizar sempre os repertórios linguísticos trazidos pelos colaboradores durante as sessões de entrevistas. Resumindo, tivemos quatro entrevistas concedidas, sendo duas em crioulo, uma em papel e uma em francês.

Não obstante, o maior desafio encontrado para fazer o levantamento dos dados foi o processo de transcrição das entrevistas concedidas em línguas crioula, papel e francesa. Para montar esse quebra-cabeça, utilizamos os recursos linguísticos oferecidos por representantes da etnia papel e de imigrantes da Guiné-Conacri. Com as transcrições feitas, iniciamos os processos de textualização e transcrição das entrevistas, tendo optado pela língua portuguesa para transcrever os resultados, conforme observa-se nos recortes apresentados durante este artigo.

Concluo este artigo afirmando que os resultados parciais desta pesquisa conduzem à percepção que as práticas de tradução observadas durante o trabalho de campo puderam iluminar a natureza e os efeitos das interações linguísticas ao trazer questões relacionadas aos processos de resistências e reivindicações sociais vinculadas a esses espaços urbanos. Desta maneira, confirma-se a hipótese de que a espacialidade do ambiente urbano de Bissau é vista como uma zona de encontro e conflito, de proximidade ou distanciamento, mediada pela interação sociocultural desta cidade africana.

Referências

- AGUIAR, André Luiz Ramalho. **Ciudad del Este em tradução: interseções de linguagens, espaços e histórias do tempo presente**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/226971>. Acesso em: 06 jun. 2022.
- AHMED, Leaque. **The Women of Islam**. Cambridge: W.E.B. Du Bois Institute, 2010.
- APTER, Emily. **The Translation Zone**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006. Disponível em: <doi: 10.1515/9781400841219>. Acesso em: 16 mai. 2019.

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento

BERGSON, Henri. **Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit**. Paris: Presses Universitaire de France, 2008.

BOSCATO, Eli. **Obvious**. 2015. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/por_tras_do_espelho/2012/07/o-tempo-e-nossa-memoria-sensorial.html#ixzz3ijToUToe>. Acessado em: 20 jul. 2015.

BARAI, Albano. **Imagem aérea da Assembleia Nacional Popular**. 2020. Disponível em: <<https://www.novafrika.co.ao/politica/guine-bissau-quando-e-que-esta-terra-arranca-video-sic-noticias/>>. Acessado em 01 out. 2021.

BHABHA, Homi. K. **O Local da Cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010

BHABHA, Homi. K. O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha. Tradução: Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília. n. 24, p. 34-41, 1996. Entrevista concedida a Jonathan Rutheford por Homi K. Bhabha.

CRONIN, Michael; SIMON, Sherry. Introduction: The city as translation zone. **Translation Studies**, v. 7, n. 2, p. 119–132, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14781700.2014.897641>>. Acesso em: 12 set. 2022.

DE MORAES, Marcelo Jacques. Sobre a violência da relação tradutória. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 13, n. 19, p. 61–78, 2017. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/271>>. Acesso em: 22 set. 2022.

ESTÁCIO, António Júlio. **Nha Bijagó Respeitada Personalidade da Sociedade Guineense (1871-1959)**. In: Revista Triplo V. Ates, Religiões e Ciências. Versão reduzida, 2011. p. 160 Disponível em: <http://www.triplov.com/guinea_bissau/antonio_julio_estacio/nha_bijago/nha_bijago.pdf>. Acessado em: 01 out. 2022.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro, 2013.

Pagina estatísticas | INE. Disponível em: <<https://www.stat-guineebissau.com/>>. Acesso em: 12 set. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

MACHADO, Maria Helena Pereira. Pratt, Mary Louise. Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 281-

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento 289, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2990.pdf>>. Acesso em 12 jan. 2020.

MALHERBE, Michel. **Cheikh Sall: Parlons Wolof - Langue et culture**. L'Harmattan, Paris: France, 1989.

MEIHY, José Carlos Santos Sebe Bom. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 12 set. 2022.

PRATT, Marie Louise. **Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: Editora EDUSC, 1999.

Protocolo ao tratamento que estabelece a comunidade econômica africana em matéria de livre circulação de pessoas, direito de residência e direito de estabelecimento, adotada na **Trigésima Sessão Ordinária da Conferência dos Estados-Membros da União Africana**, realizada em Adis Abeba, Etiópia, no dia 29 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://au.int/sites/default/files/treaties/36403-treaty-protocol_on_free_movement_of_persons_in_africa_p.pdf>. Acessado em: 01 de set. 2020.

PYM, Anthony. **Explorando as Teorias da Tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RUSHDIE, Salman. **Os versos satânicos**. Tradução: Misael H. Dursan. São Paulo: Companhia de Bolso., 1989 [2008].

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978

SIMON, Sherry. **Cities in Translation: intersections of language and memory**. London: Routledge, 2012a.

SIMON, Sherry. La culture transnationale en question: visées de la traduction chez Homi Bhabha et Gayatri Spivak. **Revue Études françaises**, vol. 31, n° 3, p.43-57. Disponível em: < DOI: <https://doi.org/10.7202/035998ar>>. Acesso em 20 de abr. 2020.

André Luiz R. Aguiar, Bissau em tradução percalços e desafios de uma pesquisa em andamento
The Translational City - Spotlight On Language and the City. IJURR. Disponível em:
<<https://www.ijurr.org/spotlight-on/language-and-the-city/the-translational-city/>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

SIMON, Sherry. **Introduction.** In Simon, S., ed., **Speaking Memory: How Translation Shapes City Life.** Montreal: McGill-Queen's University Press, 2016.

SIMON, Sherry. **Villes en traduction: Calcutta, Trieste, Barcelone et Montréal.**

Tradução de Pierrot Lambert. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013.

SOCIETY FOR THE PROMOTION OF GUINEA BISSAU. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/SocietyforthePromotionofGuineaBissau/>>. Acessado em: 01 out. 2022.

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 113-133.

SEAWRIGHT, Leandro Alonso. A entrevista sobre "Um passeio pela História Oral". **Café História:** 16 jan. 2017. Entrevista concedida a Bruno Leal. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-oral-entrevista/>>. Acesso em 16 de set. 2020.

Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 23/12/2022



Para citar este texto (ABNT): AGUIAR, André Luiz Ramalho. Bissau em tradução:percalços e desafios de uma pesquisa em andamento. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras.* São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº 1, p.226-253, jan./jun. 2023.

Para citar este texto (APA): AGUIAR, André Luiz Ramalho. (Jan./jul.2021). Bissau em tradução:percalços e desafios de uma pesquisa em andamento. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras.* São Francisco do Conde (BA), 3 (1): 226-253.